



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A SEGUNDA ONDA FEMINISTA E AS POLÍTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A CNA DA NICARÁGUA (1980) E O MOVA-SP (1989-1992)

Maria Júlia Alves Garcia Montero

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. maju.montero@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa de mestrado “Alfabetização de mulheres: a experiência da CNA da Nicarágua (1980) e do MOVA-SP (1989-1992)”, realizada no PEPG Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP. Analisamos dois programas de alfabetização que ocorreram na América Latina: A Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua (CNA), realizada em 1980, e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Paulo (MOVA-SP), realizado entre os anos de 1989 e 1992. Estudamos como, e se, o tema do feminismo aparece nos documentos oficiais dos programas, e se sua presença ou não deve-se à existência ou não de um movimento - ou uma organização - de mulheres no país com o caráter de vanguarda, como conceitua Marta Harnecker. Estudamos documentos oficiais dos dois programas, e analisamos a) se o tema das relações de gênero aparecia; b) se essa aparição reforçava ou questionava as relações patriarcais de gênero; c) como ele aparecia, se de forma direta, indireta, e em que contexto. Pudemos concluir que os documentos nicaraguenses têm uma presença maior do tema, o que se deve a um movimento de mulheres mais organizado que, ao contrário do paulistano - então fragmentado e com uma atuação majoritariamente institucionalizada -, influenciou diretamente a alfabetização no país. Não afirmamos isso, no entanto, sem ressalvas, uma vez que em ambos os programas o feminismo aparece como um “tema” específico, o que revela uma dificuldade de transversalização do feminismo e mesmo uma dificuldade teórica com relação a ele.

Palavras-chave: alfabetização de mulheres, CNA, Nicarágua, MOVA-SP, feminismo

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa de mestrado “Alfabetização de mulheres: a experiência da CNA da Nicarágua (1980) e do MOVA-SP (1989-1992)”, realizada no PEPG Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP. Analisamos dois programas de alfabetização: A Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua (CNA), realizada em 1980, e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Paulo (MOVA-SP), realizado entre os anos de 1989 e 1992. Estudamos

como, e se, o tema do feminismo aparece nos documentos oficiais dos programas, e se sua presença ou não deve-se à existência ou não de um movimento - ou uma organização - de mulheres no país com o caráter de vanguarda, como conceitua Marta Harnecker (1976; 1990).

Os dois projetos tiveram participação de Paulo Freire, que tem como princípio a educação popular como uma contribuição à superação da sociedade de classes e construção de uma nova, baseada na hegemonia das classes populares. Guardam, portanto, grandes similaridades



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidade

com relação ao seu projeto político-pedagógico, apesar de suas diferenças – dadas principalmente pelos diferentes contextos em cada país.

Diferentes documentos e análises tanto sobre a CNA como sobre o MOVA-SP mostram que, além da alfabetização em si, ambos almejavam contribuir para a organização popular. Nesse sentido, estudar os dois programas e sua relação com o movimento feminista contribuiu para refletir sobre a atualidade do movimento e as diferentes formas de organização das mulheres.

A escolha de comparar uma política nacional com uma municipal pode parecer estranha, mas justifica-se. Em primeiro lugar, interessa-nos mais a análise do seu conteúdo do que de seus “números”. Nesse sentido, o tamanho e o alcance de cada um foram somente um entre os elementos que discutimos na comparação dos dois programas. Além disso, ainda que a CNA tenha sido um programa nacional, a Nicarágua, ao menos em termos populacionais, é menor do que a cidade de São Paulo. Nos dois períodos comparados (1980 para a Nicarágua, e o período entre 1989 e 1992 para São Paulo), a cidade tinha mais que o triplo de habitantes do que a Nicarágua¹. Em segundo lugar, está a

¹ Os dados referentes a São Paulo podem ser encontrados no site da prefeitura:

<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_pop

participação de Paulo Freire em ambos os programas – o que significa que os dois compartilhavam uma determinada visão de educação, tinham uma proximidade, tornando, por isso, interessante portanto compará-los. Como, afinal, está presente o tema das mulheres em dois programas de alfabetização assumidamente progressistas e, ainda por cima, teoricamente semelhantes? Por último está o fato de que, no Brasil, praticamente todas as iniciativas de alfabetização foram regionais – ao menos aquelas com a participação de Paulo Freire.

O que buscaremos mostrar é se, e como, o tema das mulheres aparece nos documentos oficiais dos dois programas de alfabetização citados. Há menção a conceitos como desigualdade de gênero, divisão sexual do trabalho, entre outros? Há alguma menção à questão do machismo? Como esses temas são tratados? Se não aparecem, qual é, ou quais seriam os motivos?

A partir de uma leitura inicial dos documentos, constatamos que o tema estava mais presente nos documentos nicaraguenses. Nossa hipótese na pesquisa foi, portanto, a de que a relação do movimento feminista com a CNA se deu

[ulacao_recenseada_1950_10552.html](#)>. Os dados da Nicarágua podem ser encontrados no site do Banco Mundial: <

<https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>

>
www.redor2018.sinteseeventos.com.br



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Gênero

de maneira mais profunda do que a do movimento no Brasil (em São Paulo, especificamente) com o MOVA-SP em grande parte por conta da forma organizativa diferenciada tomada por cada movimento nos dois países, o que gerou resultados diferenciados com relação à presença do feminismo nos programas.

Metodologia

O objetivo da pesquisa não foi o de analisar questões relativas à sala de aula, mas sim o discurso oficial dos dois programas. Nesse sentido, analisamos documentos como o projeto político-pedagógico dos programas, cartilhas, tudo aquilo que demonstrasse para nós qual era, afinal, esse discurso.

Foram analisados 5 documentos da CNA e 11 sobre o MOVA-SP, totalizando 16 documentos: i) El amanecer del pueblo: Cuaderno de Educación Sandinista de Lecto-Escritura; ii) Cálculo y reactivación, una sola operación. Cuaderno de Educación Sandinista de operaciones prácticas; iii) Cuaderno de educación sandinista. Orientaciones para el alfabetizador; iv) Cartaz *Adelante mujer com tu participación*; v) Manual del brigadista vi) Princípios político-pedagógicos do MOVA-SP (Versão 1); vii) Princípios político-pedagógicos do MOVA-SP (Versão 2); viii) Proposta inicial de texto-referência

sobre o trabalho de alfabetização da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo; ix) Projeto do Movimento de Alfabetização e Pós-Alfabetização para o Município de São Paulo; x) O que é o MOVA-SP; xi) MOVA-SP (material de formação/divulgação); xii) Texto base do I Congresso dos Alfabetizados da Cidade de São Paulo; xiii) Projeto MOVA-São Paulo. Movimento da alfabetização de jovens e adultos da Cidade de São Paulo/90; xiv) Reflexões sobre o processo metodológico e alfabetização – MOVA-SP. Caderno 3; xv) Construindo a avaliação do MOVA-SP ; xvi) Construindo o Ciclo Ensino Fundamental I: MOVA-SP.

Para a análise dos documentos, levantamos as seguintes informações: a) Nome: identificação do documento; b) Tipo: se é um documento oficial, e, dentro disso, o que é especificamente (uma cartilha, por exemplo); c) Data; d) Se o tema das relações de gênero aparece ou não; f) A localização do tema (caso ele apareça); g) O como aparece: se de forma direta ou indireta; h) Quando e qual o contexto: para explicitar o momento do documento em que o tema aparece; i) Qual a natureza/com que significado aparece: para explicitar como o tema está presente, com qual sentido. Por exemplo, se reforçando ou não relações patriarcais de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

gênero; j) Outras observações.

Note-se que optamos por verificar se o tema das *relações de gênero* estava presente nos documentos, explicitando somente no item h (que indica a natureza e o significado com o qual o tema aparece) se tratam-se de relações *patriarcais* ou *igualitárias*. Optamos por essa abordagem por entender que seria importante assinalar também caso o documento estivesse escrito de forma a reforçar as relações patriarcais.

Optamos, também, por indicar se o tema aparecia de forma direta ou indireta no documento, uma vez que algumas questões podem aparecer de forma marginalizada ou indireta, isto é, sem grandes destaques ou implicitamente.

O uso de formas masculinas para referir-se à totalidade (“trabalhadores”, ou mesmo “jovens e adultos”) não foi considerado como um fator que reafirma relações patriarcais de gênero, já que há diversas questões que pesam no momento de optar-se por essa forma de escrita, que vão desde facilidade para o entendimento do texto até a impossibilidade de usar alternativas (como a adição de “/a” após palavras no masculino). Utilizamos esse critério porque, caso contrário, teríamos que considerar que todos os documentos que encontrássemos reforçariam a ordem patriarcal de gênero.

Para uma melhor organização e visualização desses dados, organizamo-los em tabelas (uma referente à CNA e a outra ao MOVA-SP). Após cada tabela, passamos à análise mais detalhada de cada documento, utilizando trechos para expôr nossas interpretações. Em seguida, elaboramos um panorama sobre a organização do movimento de mulheres nos dois países, para articular essas informações com os dados e análise realizados no primeiro item e, então, passar às nossas conclusões. Não será possível reproduzir as tabelas neste trabalho, portanto, iremos apresentar um breve resumo dos resultados que obtivemos da análise.

O movimento feminista e sua influência na CNA e no MOVA-SP

Analisamos 5 documentos sobre a CNA, entre os quais todos continham o tema das relações de gênero, 3 de forma direta, 2 de forma indireta. Nos 3 em que o tema era tratado de forma direta, tratava-se claramente da afirmação da libertação das mulheres como algo positivo. Nos documentos em que o tema apareceu de forma indireta, estavam presentes tanto fatores que reafirmam as relações patriarcais de gênero como fatores que as questionam e transgridem.

O primeiro documento, a cartilha *El*



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Gênero

amanecer del pueblo, contém lições a serem realizadas pelos alfabetizandos, além de ser, também, um guia para o alfabetizador. Todos os exercícios são feitos a partir de frases geradoras, que abordam diversos temas – entre eles, o do feminismo. Em uma das lições, consta a seguinte oração: “La mujer siempre ha sido explotada, la Revolución posibilita su liberación” (Nicarágua, Ministério de Educación, 1980a, p.465). Na mesma lição, em outra atividade, constam outras diversas frases afirmando que as mulheres antes eram exploradas, porém, agora exigem igualdade de direitos e participam da Associação de Mulheres Luisa Amanda Espinoza (AMNLAE).

Vale a pena nos determos na frase que destacamos, já que por detrás dela há um debate importante do movimento feminista, e que foi englobado pelo material:

Las oraciones revelaban también un gran sentido del realismo. Ejemplo de ello lo constituyó la evaluación de la frase sobre la mujer, que cambió de: “La mujer siempre ha sido explotada, la Revolución *asegura* su liberación”, a “La mujer siempre ha sido explotada, la Revolución *posibilita* su liberación” (CENDALES G.; MC FADDEN; MARIÑO S.; PERESSON T.; SOARES; TAMEZ L., [s.d.], p.252).

Este é um tema recorrente no movimento feminista, e historicamente faz parte das discussões envolvendo a relação entre gênero/sexo e classe social. Segundo Godinho (2008),

Um dos grandes desafios que o feminismo trouxe para a esquerda foi insistir nessa questão: a libertação das mulheres, a igualdade, não é automática. Não é dada como consequência automática da ruptura nas relações de poder de classe. É fundamental que as mulheres, como sujeito político coletivo, sejam parte integral da proposta, que a pauta feminista explicitada faça parte do projeto político de mudança. (p.22)

Nesse sentido, podemos afirmar que a presença desse tema no material é fruto de uma discussão mais ampla a respeito da situação das mulheres na sociedade e a relação de sua luta com a luta “geral” de emancipação da sociedade, discussão provavelmente feita dentro do movimento de mulheres – que é de onde, afinal, surgiu o debate.

No material de cálculo, *Cálculo y reactivación, una sola operación*, o tema das mulheres está presente, porém, de forma indireta. Isto é, não há um momento em que o material trabalhe a questão da desigualdade das mulheres colocando-a como um tema de discussão, por exemplo, mas ela está presente em muito dos exemplos utilizados, bem como nas ilustrações – entre as quais há aquelas que reafirmam papéis tradicionais atribuídos a homens e mulheres, mas também aquelas que os transgridem. No entanto, nos interessa trazer um exemplo desse material, em que é citado o trabalho de enfermeiras no campo, um dos poucos momentos em que a forma feminina é



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

utilizada para referir-se a uma totalidade:

Leamos y resolvamos este problema:

El Ministerio de Salud envía 24 enfermeras al sector cafetalero de Matagalpa, Jinotega y Nueva Segovia. ¿Cuántas enfermeras llegan a cada sector cafetalero? (Nicarágua, Ministério de Educación, 1980b, p.574).

Como podemos ver, há uma reafirmação da categoria “enfermeiro/a” como uma categoria feminina. Por outro lado, em diversos momentos o termo “homem” é utilizado como sinônimo de “ser humano”, isto é, com um significado universalizante.

Na cartilha *Cuaderno de educación sandinista: orientaciones para el alfabetizador*, estão textos a respeito de diversos temas, e um guia de perguntas geradoras para discussão com os alfabetizandos. Novamente, a questão das mulheres aparece de forma bastante direta:

Bajo la dictadura somocista hubo sectores de la población que fueron especialmente explotados, marginados y oprimidos. Entre estos sectores están los campesinos, los grupos indígenas y las mujeres.

A la dictadura somocista no le interesaba y no le era posible iniciar el proceso de liberación de la mujer nicaragüense.

La Revolución Popular Sandinista no sólo permitió, sino que pidió la participación de las mujeres nicaragüenses, de igual a igual con el varón, en la tarea de nuestra Guerra de Liberación Nacional.

[...]

Pero la mujer nicaragüense se libera también en la medida en que erradicamos todas aquellas formas de pensar, hablar y actuar que en la vieja sociedad somocista hacían de la mujer, alguien inferior al varón. Para nuestra Revolución, la liberación de la mujer no es un asunto de privilegios especiales, sino un reconocimiento de su

igualdad con el varón en aspiraciones, derechos y deberes. (Nicarágua, Ministério de Educación, 1980c, p.654).

Após o texto, estão perguntas geradoras sobre o tema, inclusive uma que questiona “Por que o ‘machismo’ é uma atitude contrarrevolucionária?”. Como podemos ver, as mulheres são colocadas como um grupo especialmente oprimido pela ditadura da família Somoza, ao lado dos indígenas e dos camponeses, exaltando a idéia de que a revolução abriu caminho para as mulheres, buscando acabar com a mentalidade de que seriam inferiores aos homens – ao contrario, seriam iguais “em aspirações, direitos e deveres”. Não podemos deixar de notar, no entanto, que o texto aparenta tratar da desigualdades entre homens e mulheres como algo somente cultural (sem necessariamente uma base material), principalmente quando fala que a revolução erradicou as “formas de pensar, hablar y actuar que en la vieja sociedad somocista hacían de la mujer, alguien inferior al varón” (Assmann, 1980, p.654).

Foram 11 documentos sobre o MOVA, 5 que falavam sobre o tema, e 6 que não mencionavam a questão. Entre os que a mencionavam, 2 o fizeram de forma direta, 3 de forma indireta. Nos dois em que o tema aparece de forma direta está presente a afirmação da libertação das



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mulheres como horizonte; dois dos documentos que apresentam o tema indiretamente possuem elementos que reafirmam relações patriarcais de gênero, enquanto um deles apresenta o tema de forma a “não tomar partido” – sendo um documento que simplesmente constata que a maioria dos alfabetizandos era mulher, sem fazer qualquer julgamento sobre.

Iniciamos nossa análise pelos *Princípios Político-pedagógicos do MOVA*. Em nossa investigação, encontramos duas versões desse documento (uma de outubro de 1989 e outra de abril de 1990, ambas apresentam o tema de forma indireta), e inserimos ambas em nossa análise por conterem uma mudança interessante de uma para a outra. No primeiro, em determinado momento, utiliza-se o termo “homem” para referir-se a “ser humano”, ao afirmarem que tipo de pessoa nova querem construir a partir de uma educação libertadora. Na segunda versão, em um dos momentos o termo “homem” é substituído por “ser humano”. É difícil acreditar que a alteração tenha sido feita com base em uma reflexão sobre o problema em se utilizar um termo referente a um gênero para falar de homens e mulheres, uma vez que posteriormente o termo “homem” continua sendo utilizado sem pudores.

Já o *Texto Base do I Congresso de Alfabetizando da Cidade de São Paulo* nos traz um debate interessante a respeito da situação das mulheres. Esse documento foi feito com base nas respostas dos alfabetizandos a um questionário intitulado *Ouvindo o alfabetizando adulto*. Nele estavam perguntas a respeito de questões como histórico sócio-econômico e afetivo, situação atual da leitura e escrita do alfabetizando, expectativas e perspectivas de mudança da própria realidade.

Uma das falas selecionadas para o texto base é, justamente, uma em que uma mulher lista o machismo entre os motivos que impediram-na de estudar:

“Por insistência de minha mãe estudei dois anos, porque pelo meu pai mulher não devia estudar só os homens (Dercina Antonia de Melo – 55 anos)”.

“Não estudei por machismo do meu pai, mulher não era pra saber lê escreve carta pro namorado. E trabalha na roça podia. E trabalha em casa podia. Lê e escrevê não”. (Aluna do Mov. Alf. da Zona Leste II) (SME/MOVA/EDA/FORUM, 1990, p.2)

Aparentemente, há uma certa resistência no documento em afirmar que essas duas mulheres deixaram de estudar pelo simples fato de serem mulheres. Logo após a fala das duas alunas, o texto afirma que “Os pontos citados acima dizem respeito a todos os educandos [...]” (SME/MOVA/EDA/FORUM, 1990, p.2). Porém, há de se ressaltar que os pontos levantados por essas duas falas são



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

questões que atingem especificamente as mulheres, que ainda hoje são mais responsabilizadas pelo trabalho doméstico do que os homens, ou seja, não são pontos que dizem respeito a *todos* os educandos, mas só a alguns deles: as mulheres. Posteriormente, o texto faz justiça às questões levantadas pelas duas mulheres, afirmando que as mulheres são muitas vezes impedidas de estudar principalmente pelo pai, que “entende que o papel da mulher é se preparar para o casamento e para isto não é preciso saber ler e escrever” (SME/MOVA/EDA/FORUM, 1990, p.2). Ainda, o texto afirma que desde cedo a menina é colocada para fazer afazeres domésticos e cuidar dos irmãos mais novos e, quando casa, ainda tem que lidar com o machismo do marido que não a deixa estudar. Ainda que não use o conceito, o texto está expondo o funcionamento da divisão sexual do trabalho. Ao final, o texto afirma que mesmo com esses problemas, as “as mulheres buscam romper barreiras, tomando consciência da importância de se alfabetizarem e de fazerem frente, em maioria, a todas as lutas populares” (SME/MOVA/EDA/FORUM, 1990, p.2). Ou seja, apesar de descrever a divisão sexual do trabalho, o texto não levanta grandes propostas para sua superação, colocando-a como uma mera questão de “tomar

consciência” para “superar as barreiras” impostas às mulheres. Além disso, é interessante notar que o tema está presente no documento, porém, somente a partir da fala das educandas – que é utilizada para a confecção do material, sendo, então, o tema englobado pelo documento.

O documento *Construindo o Ciclo Fundamental I – Mova SP* traz o debate das mulheres de forma direta. Ao final, o material lista três “mitos” com relação à educação de adultos (um trecho do documento *Alfabetizar e libertar*, feito pela Comissão Nacional do Ano Internacional da Alfabetização – 1990) e entre eles está o de que mulheres não precisam estudar pois o lugar delas é dentro de casa – ainda mais as mais velhas. O texto busca contrapor-se a esse mito, afirmando que o fato de uma pessoa ser mulher não pode afetar o direito a educação, e explicita a contradição entre a cobrança que recai sobre as mulheres de educar “as próximas gerações e o fato de a sociedade não permitir que se eduquem.

Através da análise dos dados que compilamos nas tabelas, bem como da análise mais detalhada em seguida, é possível perceber que ambos os programas tem documentos que acabam por trazer uma imagem das mulheres que reforça estereótipos relacionados à sua condição –



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Classe

mulheres em determinadas áreas de trabalho, o homem como universal, entre outros. Porém, é possível perceber, o tema da libertação das mulheres aparece com mais contundência nos documentos da CNA-Nicarágua. Nesse sentido, essa análise confirma nossa impressão inicial, de que esse tema estava menos presente no programa paulistano.

A grande questão que permanece é: por quê, afinal, há tamanha diferença entre a presença do feminismo em um programa e outro? Por isso, passamos à análise do movimento de mulheres na Nicarágua e em São Paulo.

Em primeiro lugar, é preciso considerar o contexto de cada momento – um era o contexto de uma revolução popular, o outro de uma gestão democrática e popular de uma prefeitura. Por revolução, entendemos uma mudança brusca na forma de funcionamento da sociedade – no caso, uma sociedade de classes, que, ao menos em tese, passa a ser controlada pela classe trabalhadora, subvertendo as estruturas de poder até então vigentes. No caso de São Paulo, não houve essa subversão – a eleição de um novo governo – ainda que alinhado à esquerda e tendo à frente da SME alguém que falava abertamente sobre a necessidade de acabar com a sociedade de classes – não significou uma mudança

brusca nas estruturas da sociedade. A bem da verdade, todas as políticas foram realizadas dentro da ordem democrática burguesa, isto é, sem rupturas, e não haveria como ser diferente.

Essa diferença de conjuntura entre os dois países significa: 1) um contexto diferenciado em que são realizadas essas políticas, sendo o governo sandinista muito mais “livre” para aplicar seu programa político do que um poder executivo que precisa negociar com movimentos sociais e também com outros agentes – como por exemplo, vereadores de outras legendas políticas, e também do mesmo partido. Vale lembrar, por exemplo, que “Luiza Erundina começou isolada politicamente e com pouco apoio na Câmara” (Secco, 2011, p.131). Isso não significa que o novo governo nicaraguense não precisasse fazer as próprias negociações com outros setores dentro do país, mas eram negociações que se davam em outro patamar, dado a diferença de contextos; 2) uma diferença com relação aos próprios movimentos populares, que têm uma organização bastante diferente entre os dois países – que significa, também, uma diferença com relação ao movimento de mulheres, ainda que também possamos elencar uma larga gama de semelhanças.

A semelhança entre o movimento



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidade

de mulheres dos dois países analisados reside principalmente no fato de que as mulheres iniciaram sua mobilização, em grande parte, a partir do seu local tradicional de mãe, esposa e dona-de-casa. Sendo aquelas que estão historicamente mais ligadas ao trabalho doméstico e de cuidados, são as primeiras a sentir os efeitos de questões como o aumento de custo de vida – isto é, aumento do preço dos alimentos, do gás de cozinha, falta de serviços como escolas e hospitais, entre outros.

A diferença reside na própria diferença de contexto, que é fruto (mas também cria) formas de organização diferenciadas. No caso da Nicarágua, houve a constituição do que Marta Harnecker considera uma “vanguarda revolucionária”. Isto é, um coletivo (que pode ser uma organização, ou mesmo mais de uma) que consiga centralizar forças em determinados momentos específicos rumo a uma transformação social, com um programa que mobilize amplos setores da sociedade, que tenha inserção nos setores populares e, justamente por isso, tenha a legitimidade perante outras organizações (inclusive as elites), conseguindo reunir ao seu redor todos os setores de oposição. (Lênin, 1977). A FSLN teve esse papel no momento da Revolução Nicaraguense, e conseguiu impulsionar

aquilo que acreditamos poder chamar de “organizações de vanguarda específicas” (sem a pretensão de criar novos conceitos ou algo parecido), como no caso do movimento de mulheres, em que impulsionou a criação da AMPRONAC – uma organização de que conseguiu relacionar as questões específicas do cotidiano feminino com os debates mais amplos sobre a necessidade de uma mudança radical na sociedade nicaraguense, e que logrou aglutinar em si desde mulheres das camadas médias até mulheres dos extratos mais populares. Tudo isso em torno de um programa político específico, com objetivos claros, declarando-se antimachistas, antiimperialistas, antisomozistas e, portanto, sandinistas.

No Brasil, o movimento de mulheres de segunda onda se constitui em um momento de transição entre ciclos (do ciclo PCB ao ciclo PT), isto é, em um momento de perda (ao menos temporária) de um referencial para organização política das massas, sem grandes “certezas”, enfim, sem uma organização com a hegemonia necessária à constuição de uma vanguarda (Harnecker, 1990). O movimento de mulheres, nascendo principalmente a partir dos coletivos de bairro, mas sem uma iniciativa organizativa clara que os



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cópia

coesionasse em torno de um projeto comum, surge já de forma relativamente fragmentada. É bem verdade que o movimento de mulheres em São Paulo foi muito combativo e ativo – talvez pudéssemos até mesmo chamar sua então coordenação de uma espécie de “vanguarda” -, no entanto, no final dos anos 80 e início dos 90, o movimento havia atingido um patamar de fragmentação e desmobilização que dificultou qualquer tipo de atuação unificada com força no sentido de mobilizar as mulheres de forma massiva em torno de um projeto comum .

Não há indícios, por exemplo, de uma atuação conjunta do movimento de mulheres de São Paulo para intervir no MOVA-SP, enquanto a AMNLAE (antiga AMPRONAC) tinha entre seus objetivos a inserção das mulheres em todas as tarefas da reconstrução nacional da Nicarágua. E, mesmo com as resistências com relação ao feminismo – por parte dos homens, principalmente -, trabalharam também em um programa que articulasse a participação das mulheres e sua libertação. Não se considerava importante a participação na CNA simplesmente porque era uma das tarefas para a reconstrução do país, mas porque a alfabetização era considerada como um dos meios de se atingir a autonomia das mulheres – tanto que a organização realizou

seminários sobre o tema e fez uma intensa campanha para que as mulheres participassem da Cruzada, tanto como alfabetizadoras quanto como alfabetizadas. Havia o que podemos considerar uma tentativa de encarar as pautas “gerais” a partir de uma perspectiva feminista, trabalhando o feminismo de forma transversal no programa político da AMNLAE, ainda que, segundo Murguialday (1990), a organização tivesse um enfoque teórico um tanto limitado com relação à questão da mulher. Essa é uma ressalva importante a ser destacada: além da resistência de determinados setores com relação ao feminismo, insuficiências teóricas também contribuíram para que o feminismo ficasse restrito a um “tema” nos materiais de alfabetização, em lugar de ser trabalhado de forma transversal.

Considerações finais

Considerando que as mulheres, além de enfrentar o machismo da sociedade, precisam muitas vezes enfrentar o machismo dentro das próprias organizações de esquerda, podemos afirmar que uma atuação organizada de sua parte é pré-requisito fundamental para uma atuação de sucesso. Nesse sentido, no período específico que estudamos, as mulheres nicaraguenses estavam mais preparadas para esse desafio do que as



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Cãmar

brasileiras.

No entanto, mesmo considerando que as mulheres nicaraguenses conseguiram intervir de maneira mais contundente na CNA do que as mulheres paulistas no MOVA-SP, é preciso ressaltar que, nos documentos de ambos os programas, a maioria das vezes em que o tema aparece de forma mais direta é na forma, literalmente, de um “tema”, isto é, algo específico restrito a um determinado momento do documento, e não como uma forma de enxergar a realidade, com o feminismo transversalizando-a. Por exemplo, nos momentos em que se debate o tema do trabalho nos materiais da CNA, não está presente a questão da divisão sexual do trabalho – ela aparece somente no momento reservado para o tema das mulheres.

Nesse sentido, nossa hipótese inicial – de que o tema da libertação das mulheres estaria mais presente nos materiais da Nicarágua por conta da forma de organização das mulheres no país – se confirma, porém, não sem essa ressalva, que diz respeito à necessidade de uma formulação teórica que compreenda a situação das mulheres no mundo capitalista, à resistência de grandes setores da esquerda com relação ao feminismo, bem como à capacidade das mulheres em transpassar essa resistência e

aumentar cada vez mais sua capacidade de influência no sentido da conformação de um programa político que considere o feminismo não como um detalhe ou um pedaço de um documento, mas como uma necessidade vital para a superação da sociedade de classes e a construção de uma nova utopia.

Referências bibliográficas

I Congresso de alfabetizando da cidade de São Paulo (folheto). São Paulo, 1990. Disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3271>>

ALVAREZ, Sonia E. The (Trans) formation of feminism (s) and gender politics in democratizing Brazil. In: JAQUETTE, Jane S. *The women's movement in Latin America. Participation and democracy*. 2.ed. Westview Press, 1994. P.13-64.

ASSMANN, Hugo. *Nicarágua triunfa en la alfabetización*. Documentos y testimonios de la Cruzada Nacional de Alfabetización. San José, Costa Rica: Ministério de Educación, Departamento Ecueménico de Investigaciones, 1981. 704p. Disponível em: <<https://archive.org/details/nicaraguatriunfa00assm>>. Acesso em nov/2016.

BARRETO, José Carlos. Educação de adultos na ótica freiriana. São Paulo: Vereda-Centro de Estudos em Educação, 1986. 19p.

CENDALES G., Lola; MC FADDEN, Juan; MARIÑO S., Germán; PERESSON T., Mario; SOARES, María; TAMEZ L., Carlos. *Vecimos*. Nicarágua: Cruzada Nacional de Alfabetización. Nicarágua:



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

Ministerio de Educacion en Nicaragua, Comisión Evagélica Latinoamericana, Dimensión Educativa Colombia, [s.d.]

CHINCHILLA, Norma Stoltz. Classe, gênero e soberania na Nicarágua. *Estudos Feministas*. Santa Catarina, n.2, p.321-347, 1993.

DELGADO, Maria do Carmos Godinho. *Desigualdade de gênero e participação política das mulheres: a experiência do Partido dos Trabalhadores*. 2000. 154f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo.

GADOTTI, Moacir (Org.). *Educação de Jovens e Adultos*. A experiência do MOVA-SP. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996, 125 p.

GODINHO, Tatau. Feminismo, prática política e luta social. In: PAPA, Fernanda C.; JORGE, Flávio. *O feminismo é uma prática. Reflexões com Mulheres Jovens do PT*, São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, Fundação Perseu Abramo, 2008. p.17- 22. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05931.pdf>. Acesso em março/2018.

FARIA, Nalu. Entre a autonomia e a criminalização: a realidade do aborto no Brasil. In: GODINHO, Tatau; VENTURI, Gustavo (Org). *Mulheres brasileiras e gêneros nos espaços público e privado*. Uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC-SP, 2013. p.181-201.

HARNECKER, Marta. *Los conceptos elementales del materialismo historico*. 36.ed. Madrid: Editora Siglo Veintiuno, 1976. 220p.

HARNECKER, Marta. *Vanguardia y crisis actual*. Argentina: Ediciones de Gente Sur, 1990. 153p. Disponível em:

<https://www.rebellion.org/docs/92106.pdf>. Acesso em: janeiro de 2018.

HIRATA, Helena. Divisão – relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. *Em Aberto*. Brasília, ano 15, n.65, jan/mar. 1995. p.39-49. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2009/1978>> Acesso em janeiro/2018

LÊNIN, Vladimir Ilitch. Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Obras escolhidas de V.I.Lênin*. Lisboa: Editorial Avante, 1977. p.79-214.

NICARÁGUA. Ministério de Educación, 1980a. *El Amanecer del pueblo*. Cuaderno de educación Sandinista de lecto-escritura. In: ASSMANN, Hugo. *Nicarágua triunfa en la alfabetización*. Documentos y testimonios de la Cruzada Nacional de Alfabetización. San José, Costa Rica: Ministério de Educación, Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1981. 704p. Disponível em: <<https://archive.org/details/nicaraguatriunfa00assm>>. Acesso em nov/2016.

NICARÁGUA. Ministério de Educación, 1980b. *Cálculo y reactivación, una sola operación*. Cuaderno de educación sandinista de operaciones prácticas. In: ASSMANN, Hugo. *Nicarágua triunfa en la alfabetización*. Documentos y testimonios de la Cruzada Nacional de Alfabetización. San José, Costa Rica: Ministério de Educación, Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1981. 704p. Disponível em: <<https://archive.org/details/nicaraguatriunfa00assm>>. Acesso em nov/2016.

NICARÁGUA. Ministério de Educación, 1980c. *Cuaderno de educación sandinista*. Orientaciones para el alfabetizador. In: ASSMANN, Hugo. *Nicarágua triunfa en*



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

la alfabetización. Documentos y testimonios de la Cruzada Nacional de Alfabetización. San José, Costa Rica: Ministério de Educación, Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1981. 704p. Disponível em: <<https://archive.org/details/nicaraguatriunfa00assm>>. Acesso em nov/2016.

NICARÁGUA. Ministério de Educación, 1980d. *Manual del brigadista*. In: ASSMANN, Hugo. *Nicaragua triunfa en la alfabetización*. Documentos y testimonios de la Cruzada Nacional de Alfabetización. San José, Costa Rica: Ministério de Educación, Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1981. 704p. Disponível em: <<https://archive.org/details/nicaraguatriunfa00assm>>. Acesso em nov/2016.

MAIER, Elizabeth. *Las Sandinistas*. Ciudad de México: Ediciones Cultura Popular, 1985. 173 p. Disponível em <http://sidocfeminista.org/images/books/01629/01629_00.pdf>. Acesso em: dez/2016.

MURGUIALDAY, Clara. *Nicaragua, revolución y feminismo (1977-1989)*. Madrid: Editorial Revolución, 1990. 314p. (Coleção Hablan las mujeres).

PMSP/SME. Princípios político-pedagógicos do MOVA-SP. São Paulo, 1989.

PMSP/SME. Relatório do MOVA-SP. São Paulo, 1990a.

PMSP/SME. Princípios político-pedagógicos do MOVA-SP. São Paulo, 1990b

PMSP/SME. Relatório do MOVA-SP: Ler e escrever para todos. São Paulo, 1990c.

_____. Reflexões sobre o processo metodológico de alfabetização. São Paulo,

MOVA-SP, Caderno n.º 3. São Paulo, [s.d]

SARTI, Cynthia. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.64, p.38-47, fev/1988.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.12, n.2, p.35-50, maio-ago/2004.

SECCO, Lincoln. *História do PT*. 2ed.rev. Cotia: Ateliê Editorial, 2011. 314p.

SME/MOVA/EDA/FORUM. Documento Base I Congresso dos alfabetizandos da cidade de São Paulo. 1990.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999. 181p. (Coleção Tudo é História).

KERGOAT, Danièle. A Relação Social de Sexo: da reprodução das relações sociais à sua subversão. *Pro-Posições*. Campinas, jan/abr. 2002. Vol. 13, n. 1 (37). Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643968/11424>> Acesso em outubro/2017.

_____. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Daniele (Orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p.67-68.

KOARIK, Lúcio; SINGER, André. A experiência do Partido dos Trabalhadores na prefeitura de São Paulo. *Novos Estudos*. São Paulo, v.1, n.35, p.195-216, março/1993. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-35/>. Acesso em maio/2018.